



# Descrição Paremológica Da Libras: Um Registro Da Segunda Articulação Da Língua De Sinais

**Claudio Alves Benassi<sup>1</sup>**  
claudio.benassi@ufmt.br  
**Rayane Thaynara Santos<sup>2</sup>**  
rayanethaynara@hotmail.com

---

## RESUMO:

A Libras – Língua Brasileira de Sinais vem se consolidando como uma importante área de estudos, em diversos aspectos. Várias são as teorias que lhe são aplicadas. Apesar disso, o paradigma linguístico estruturalista, até o presente momento, não foi total e minuciosamente compreendido e aplicado na língua de sinais. Este artigo tem como objetivo aplicar a teoria linguística estruturalista na língua de sinais, analisando e descrevendo sinalemas da Libras em sua segunda articulação. Para tal, embasados em Saussure e Martinet, serão apresentados alguns sinalemas da Libras, articulados em suas mínimas partes e descritos tendo como suporte gráfico a escrita de sinais VisoGrafia. Espera-se, com isso, ampliar e difundir o conhecimento linguístico estrutural da Libras. Enfatizamos ainda, que este estudo é, ainda, embrionário e que se busca um aprofundamento maior por meio de pesquisas em nível de pós-graduação.

---

## PALAVRA-CHAVE:

Estruturalismo. Segunda articulação da Libras. VisoGrafia.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá.

<sup>2</sup> Mestrado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá.

## 1. Introdução

Os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que circulam no âmbito acadêmico, têm difundido importantes contribuições para sua compreensão enquanto uma língua natural. Esses estudos, geralmente, têm se baseado na linguística gerativista, que, a nosso ver, não tem explorado minuciosamente a potencialidade do sistema linguístico da língua de sinais – mesmo considerando que nenhum paradigma ou método, seja capaz de abarcar todos os fenômenos linguísticos, e também não desprezando os avanços atuais da linguística da língua de sinais.

Mesmo tendo avançado, alguns temas ainda são “tabus” na língua de sinais: linearidade é um deles. Podemos compreender o pressuposto saussuriano de linearidade, como sendo a sucessão de signos numa relação solidária, sendo esta relação – sintagmática – a responsável pela produção do sentido, ou seja, os sentidos são produzidos relacionalmente. Também é descrita pelo autor como sendo o encadeamento dos sons na fala (SAUSSURE, 2004, 2012). Este último aspecto descrito, é compreendido na área da língua de sinais por Ferreira (2010), por exemplo, como sendo pertinente as línguas orais, o que poderia gerar interpretações de que sua aplicação na língua de sinais, não é possível, pois a mesma se realiza pela cumulação dos parâmetros que a constitui.

Este princípio (o da linearidade) tem sido mal compreendido, gerando a crença de que a linearidade está para as línguas orais (FERREIRA, 2010), pois é enfatizado o caráter do encadeamento sonoro e na improbabilidade de sobreposição dos sons da fala, e que simultaneidade está para as línguas de sinais (*op. cit.*), pelo carregamento de seus parâmetros e possibilidade de realização múltipla dos sinalemas. Os parâmetros são elementos linguísticos que constituem os sinalemas – os quais vem sendo descritos na linguística da língua de sinais, como representantes das mínimas partes dessa língua.

Tais descrições podem ser encontradas em Ferreira (2010), em Quadros e Karnopp (2004), Barros (2008), e em Campello (2011), por exemplo, quando as linguistas expõem os parâmetros da língua de sinais e os consideram fonemas (fig. 01). No entanto, como veremos em momento oportuno, os parâmetros se dividem

em partes menores.



Figura 01. Exemplo dado por Campello para a dupla articulação da língua de sinais. Fonte: elaborado pelo autor com base em Campello (2011, p. 28).

Por “simultâneo” entende-se aquilo que se faz ou se realiza ao mesmo tempo. Como base de análise, tomemos o sinal da Libras (DIA). Nas imagens a seguir, podemos perceber que os parâmetros que o constituem, não são carregados simultaneamente. Isso quer dizer que, numa linha temporal, cada parâmetro é carregado um após o outro e pela seguinte ordem: configuração de mão, locação e, por último, o movimento, conforme a sequência exposta na tabela a seguir.

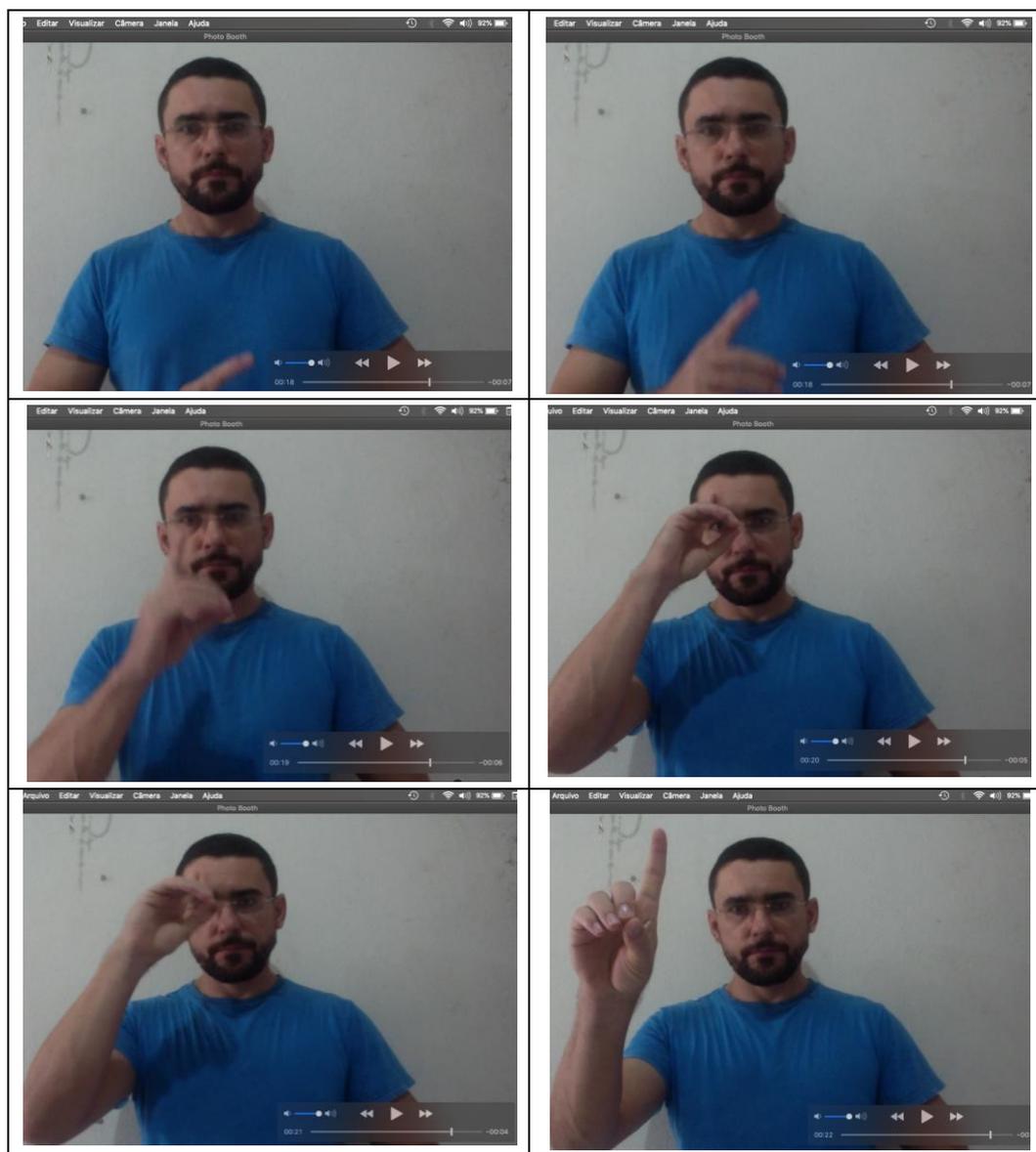


Tabela 01. Demonstrativo do contínuo-tempo na articulação do sinalema  (DIA).

Como pode ser observado, a formação da configuração da mão, por meio das configurações dos dedos, seus constituintes primevos, começa aos 17” (segundos), pois, na foto da primeira célula da tabela, o tempo é 18”. Na sequência, é possível ver a mão completamente configurada. Mas apenas aos 19” ela é colocada na têmpora, e, somente aos 21” se inicia o movimento paremológico, ou seja, o movimento do sinal (giro do antebraço direcionado para frente).

É óbvio que o tempo de carregamento desses elementos constituintes do sinalema em tela é muito rápido. No entanto, não se pode negar que não sejam carregados no mesmo instante, pois, como as imagens anteriores deixam claro,

primeiro a mão é configurada; em seguida, é locada e, só então, acontece o parâmetro movimento. Lembrando que o movimento para locar a mão configurada, não é tomado como movimento paremológico.

Se levamos em consideração que o pressuposto saussuriano de linearidade, conforme exposto anteriormente, não podemos admitir que a linearidade, se refere apenas ao encadeamento dos fonemas da língua oral na fala. Se o fosse, não se poderia, então, pensá-lo na língua de sinais, pois o carregamento dos paremas<sup>3</sup> e parâmetros da mesma se dão de forma cumulativa, ou seja, um após o outro vão se somando.

Como vimos, o conceito de linearidade é mais amplo. Quando Saussure fala de sintagma, o linguista está falando de encadeamento de unidades significativas numa linha de tempo que é exclusivamente linear, logo, o discurso é constitutivamente linear. Esse aspecto pode ser observado na língua de sinais. Vejamos o exemplo a seguir.

Sintagma 1	Sintagma 2	Sintagma 3	Sintagma 4	Sintagma 5	Sintagma 6	Sintagma 7
ANO	2 (NUMERAL)	FUTURO	EU	COMEÇAR	ESTUDAR	INGLÊS

Tabela 02. Demonstrativo de encadeamento cumulativo linear na língua de sinais: “Daqui a dois anos, começarei a estudar inglês”. Fonte: baseado em Benassi (2019).

Como pode ser visto no exemplo apresentado na tabela acima, ainda que os parâmetros da língua de sinais formados a partir da junção dos paremas sejam carregados cumulativamente, a formação sintagmática dos sinalemas no discurso imagético é, por certo, linear. Ou seja, um sinalema só é carregado após o final do outro, e não *um em cima do outro*, não negando, porém, que haja a simultaneidade

<sup>3</sup> Relativo à fonema, ou seja, na língua de sinais, à mínima parte. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

sintagmática: na língua de sinais é possível realizar dois sintagmas ou mais ao mesmo tempo, se considerarmos que é possível “carregar” um sinalema com a mão esquerda e outro com a mão direita. Também é possível encontrar núcleos de sentidos morfológicos expressos pela face e pelo corpo.

Se levarmos em consideração a premissa dos feixes sonoros explorados por Boonfield citado por Lopes (2008), que leva em consideração cada parâmetro que se soma cumulativamente para formar um fonema, poderíamos continuar afirmando que o encadeamento fonético nas línguas orais é linear, tendo em vista que a vogal “E” apresenta cumulativamente cinco parâmetros: anterior, meio fechada, não arredondada, oral e tônica?

Assim como na língua de sinais – na qual os parâmetros formados a partir da somatória dos paremas na articulação de um sinalema é cumulativa – o produto final de uma articulação dos órgãos vocais é uma somatória de parâmetros, que são desencadeados simultaneamente.

Sendo assim, quando discutimos o conceito de linearidade de Saussure dentro das línguas de sinais, precisamos nos afastar da percepção do encadeamento fonético/fonológico (sons da fala) e nos aproximarmos da noção do encadeamento sintagmático. Esta, por sua vez, pode ser ampla e minuciosamente aplicada na língua de sinais, conforme Benassi (2019).

## **2. Linguística estruturalista e a língua de sinais**

Como vimos no tópico anterior, não podemos negar a aplicação ostensiva do pensamento linguístico saussuriano na Libras, somente por relacionar linearidade ao encadeamento fonético/fonológico. O motivo está, a nosso ver, relacionado à má compreensão do conceito de linearidade. Como já discutido anteriormente, Saussure aponta uma linearidade no encadeamento dos fonemas na fala, contudo, para quem estuda e compreende Saussure, o conceito não se resume ao campo da fonética, mas é também aplicado na área da sintaxe, por meio das noções de eixo sintagmático e eixo associativo.

Não podemos desprezar o pensamento saussuriano na área da língua de

sinais, tendo em vista que este paradigma do pensamento linguístico científico, não se resume apenas à noção da linearidade fonética, como foi demonstrado anteriormente. Hoje, temos configurado dentro dos estudos linguísticos da língua de sinais, as disciplinas de Morfossintaxe e também de Fonologia – termo que não utilizamos, mas que aparece nos Planos Políticos Pedagógicos dos cursos superiores de Libras, cujas áreas dos estudos linguísticos têm sua origem no filósofo suíço, tendo em vista que foi Saussure quem as estruturou, dentro do que hoje conhecemos como linguística moderna, da qual, para muitos, ele é o pai.

Respeitando a modalidade espaço-visual da língua de sinais e suas características constituintes, o paradigma linguístico estruturalista é aplicável nessa língua, incluindo a noção de linearidade, tendo em vista que paremologia (*fonologia*), morfologia e sintaxe são áreas sobre as quais recaem os estudos linguísticos saussurianos, sendo que os mesmos, na área da língua de sinais, são pensados estruturalmente, ainda que de forma superficial, como pode ser constatado em Campello (2011).

No que tange às noções de eixo sintagmático e eixo associativo, já tangenciado anteriormente, cabe salientar que a noção sintagmática é perfeitamente explorável na língua de sinais (BENASSI, 2019). Em relação ao associativo, pode-se afirmar que o mesmo também é aplicável, pois a escolha dos sintagmas que podem ser realizados dentro de determinado contexto formarão o eixo sintagmático. Vejamos o exemplo a seguir.

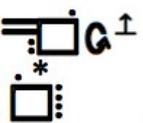
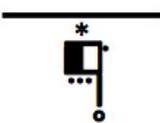
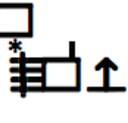
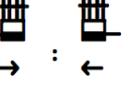
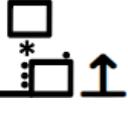
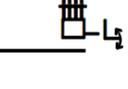
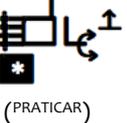
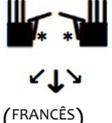
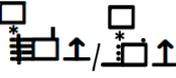
Sintagma 1 Paradigma temporal	Sintagma 2 Paradigma numeral	Sintagma 3 Paradigma temporal	Sintagma 4 Paradigma pessoal	Sintagma 5 Paradigma acional	Sintagma 6 Paradigma acional	Sintagma 7 Paradigma objetal
						
 (ANO)	 (DOIS)	 (FUTURO)	 (EU)	 (COMEÇAR)	 (ESTUDAR)	 (INGLÊS)
 (MÊS)	 (TRÊS)	 (PRESENTE) Não marcado	 (TU)	 (INICIAR)	 (APRENDER)	 (ESPANHOL)
 (DIA)	 (QUATRO)	 (PASSADO)	 (ELE)		 (PRATICAR)	 (FRANCÊS)

Tabela 03. Demonstrativo das possibilidades de escolha no eixo associativo. Frase: “Daqui a dois anos, começarei a estudar inglês. Fonte: baseado em Benassi (2019).

Como se pode observar na tabela 2, as possibilidades de escolha no eixo associativo podem variar na língua de sinais de um paradigma a outro, inclusive, é possível que alguns apresentem possibilidades infinitas, como no caso dos numerais e em outros, combinações totalmente limitadas, como no caso do paradigma da ação  (COMEÇAR/INICIAR), mas isso não implica na não existência de tal paradigma na língua de sinais, tampouco em sua inaplicabilidade.

Para finalizar este tópico, dentre as muitas aplicações da teoria saussuriana na língua de sinais, citaremos apenas a inovação e a modificação. O processo de inovação linguística referido por Saussure acontece na língua de sinais quando ela se coloca em interação com outras áreas do conhecimento. Muitos são os glossários e sinalários que são idealizados para facilitar a comunicação verbal sinalizada. Sobre isso, Barros (2015, p. 07) enfatiza que:

O vocabulário de cada língua é suficiente para que os membros da comunidade que a utilizam falem sobre o que é relevante para eles, porém, cada vez que o universo de dada comunidade linguística se amplia, também sua língua se amplia. Assim, quando se descobre a

necessidade de se referir a algo ainda não nomeado, os falantes da língua criam soluções para a nova situação, que podem ser: criar novas palavras, ressignificar algumas já existentes, ou recombina-las. Assim, o vocabulário de qualquer língua está em constante construção.

Em relação à modificação, são inúmeros os casos dela na língua de sinais. É muito comum, na interação com usuários da Libras, nos depararmos com sinais modificados ou novos. Um exemplo que sempre mencionamos, é o sinal  (PRONOME). Aprendemos o referido sinal escrito em 2011. A seguir, apresentamos a linha do tempo, na qual consta a modificação sofrida pelo mesmo, em menos de uma década.

			
2011	2012	2014	2017

Tabela 04. Demonstrativo das modificações que o sinal  (PRONOME) sofreu ao longo de quase uma década.

## 2. Organização do pensamento linguístico abstrato na língua de sinais

Recorremos a Saussure para melhor entender a “organização do pensamento linguístico abstrato na língua de sinais”. Ao organizar a escrita de sinais VisoGrafia, da qual sou<sup>4</sup> proponente, percebemos que ela envolvia tanto a teoria enunciativa/discursiva, quanto a estruturalista. Se, por um lado, analisaríamos a face valorativa (ideológica) na/da língua e escrita de sinais, por outro, deveríamos compreender a estrutura sistemática da língua de sinais, articulando as mínimas partes com o objetivo de criar um sistema visual de escrita de sinais com baixo número de caracteres.

Assim sendo, basilar a linguística da língua de sinais a partir da teoria estruturalista e, principalmente, propor terminologias mais adequadas, a esse

<sup>4</sup> Claudio Alves Benassi.

“novo” pensamento linguístico, foi essencial, pois entendemos que termos gerados a partir da ideia de parâmetro como “fonema”, como os cunhados e utilizados por Barros (2008), sendo os principais, visema e visologia/visética, não serviria a um estudo que compreende o parâmetro como sendo um conjunto de “fonemas”.

Partindo da noção saussuriana de que a língua é composta por elementos solidários entre si, que estabelecem relações obedecendo determinadas regras para constituir um todo que faça sentido, propusemos o esquema da figura 01. De acordo com o mesmo, o discurso verbal é constituído de partes menores, que foram chamadas de enunciados, os quais constituem-se (na língua de sinais), de sinalemas<sup>5</sup>, isto é, as mínimas partes de um enunciado. Os sinalemas podem ser articulados em partes menores significativas: sejam elas partes com sentido ou valor distintivo.

Essas partes são os morfemas os quais, por sua vez, são constituídos pelos parâmetros, que, ao contrário do que se pensa na língua de sinais, não são as menores partes das línguas de sinais, pois eles podem ser divididos em partes menores. Desta forma, obtém-se o parema<sup>6</sup>, ou seja, a mínima parte da língua de sinais. Assim sendo, temos as seguintes relações:

---

<sup>5</sup> *Sinal* – item lexical da língua de sinais; *ema* – mínima parte de.

<sup>6</sup> *Par* – advém de parâmetro, medida; *ema* – mínima parte de.

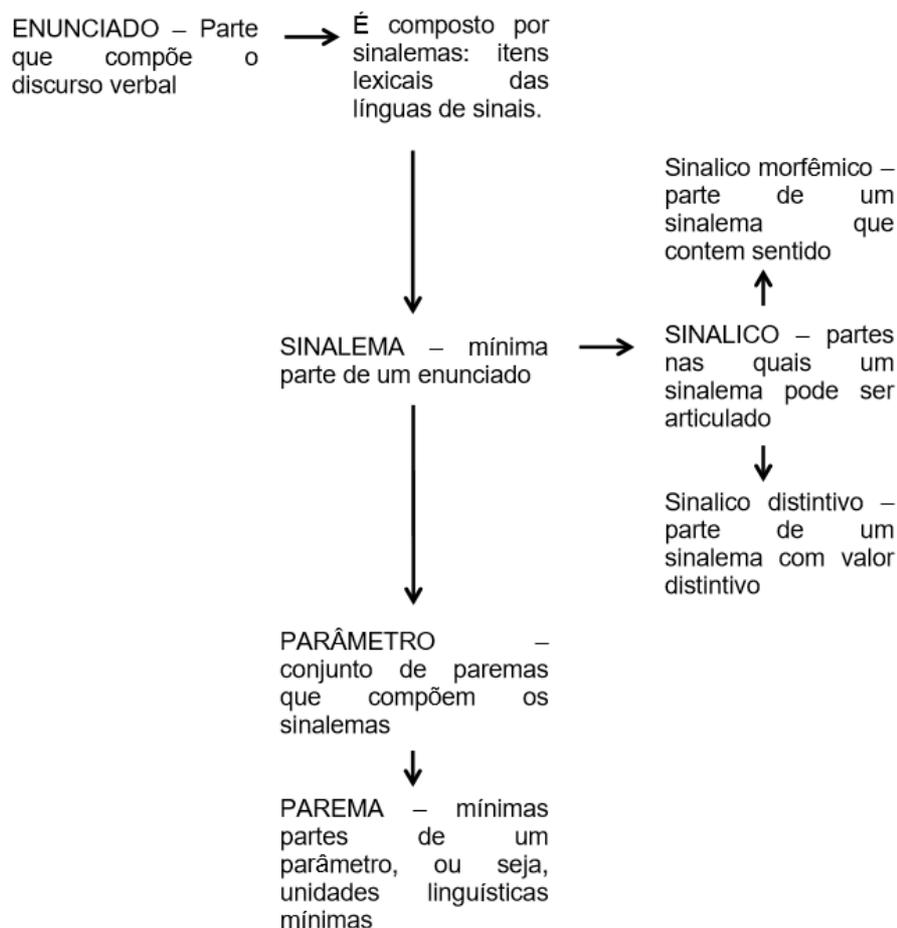
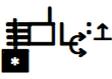


Figura 02. Esquema linguístico da estruturação linguística na língua de sinais (BENASSI, 2019, p 130).

As proposições expostas no exemplo acima, são justificáveis mediante a afirmação de Martinet, quando o linguista francês afirma que:

[...] É evidente que, se não desejamos excluir do domínio lingüístico só sistemas do tipo do que acabamos de imaginar, é muito importante modificar a terminologia tradicional relativa à articulação dos significantes de modo a eliminar toda e qualquer referência à substância fônica [...] (1968 [1971], p. 25).

Analisando a citação, pode-se depreender que as inferências expostas acima são coerentes e justificam-se, tendo em vista que as proposições correntes (fonema, fonética/fonologia) referem-se à substância linguística fônica e que as terminologias propostas por Barros (2008), (visema, visética/visologia) a princípio, não atenderam as especificidades dos estudos articulatórios da Libras, pois tais termos foram cunhados partindo da concepção de que o parâmetro é a menor

parte da língua de sinais, quando o mesmo é divisível em partes menores, como veremos no exemplo a seguir, por meio da decomposição do sinalema  (PRATICAR).

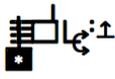
 (PRATICAR)		
PARÂMETROS		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO	LOCAÇÃO	MOVIMENTO
		
PAREMAS		
Configuração do polegar - I (estendido verticalmente)	Ponto de articulação -  (dorso da mão)	Movimento -  (meio giro do antebraço)
Configuração dos demais dedos: estendidos e juntos paralelamente à palma - 		
	Ponto de contato -  (lateral do dedo mínimo)	Movimento do braço -  (direcional para frente)
Orientação de palma -  (para trás)		

Tabela 05. Decomposição do sinalema PRATICAR, na segunda articulação. Fonte: elaborado pelo autor (2017).

Como se observa, a configuração de mão é divisível em unidades menores, sendo estas as configurações de dedo do polegar e dos demais dedos; a locação se divide em ponto de articulação e ponto de contato e o movimento, terceiro parâmetro do sinalema, se divide em movimento de giro do antebraço e movimento direcional para frente, o que justifica nosso posicionamento, corroborado por Martinet na citação anterior.

Como visto, é necessário repensar termos e conceitos na área da língua de sinais. Tal pressuposto do autor justifica a mudança das terminologias que propomos, posto que elas eliminam “toda e qualquer referência à substância fônica”, que, na língua de sinais, simplesmente não existe.

Ao aplicar a teoria estruturalista, com ênfase no pensamento saussuriano e no princípio da dupla articulação na língua de sinais, percebemos que a noção linguística atual não seria suficiente, como os termos comumente utilizados também não eram, em virtude do exposto anteriormente, que retomamos: os parâmetros são unidades que se dividem em partes menores, portanto, não são unidades mínimas e terminologias geradas a partir de noções baseadas na concepção de parâmetros como fonemas, não podem ser utilizadas para uma ideia linguística que a contraponha. Por isso, foi necessário repensá-los.

Assim sendo, na primeira articulação dos sinalemas, dois tipos de morfemas ficaram muito perceptivos: primeiro o morfema com significado aparente, assim por

dizer, como no caso de  (DAQUI A DOIS ANOIS), que encerra três morfemas, a

saber: o substantivo  (ANO), o numeral quantitativo  (DOIS) e tempo 

(FUTURO). No sinalema  , bem como em  (ANO QUE VEM), podemos isolar os parâmetros  (movimento circular vertical)  e (movimento direcional para frente), que ocorrem nos dois sinalemas e inferir que são esses elementos linguísticos que despertam o sentido de  – “tempo vindouro”, pois não ocorre no sinalema

 .

Podemos ainda ter sinalemas, nos quais os morfemas que o constituem, possuem apenas sentido não aparente. Neles, o sentido é apenas de distinção,

como por exemplo,  (SAÚDE), sinalema divisível, no qual, após a locação da mão configurada, há uma mudança no ponto de articulação, o que constitui dois

morfemas específicos, sendo eles  – sinalico inicial e  – sinalico final, cuja função linguística é de estabelecer, nesse caso, uma relação de oposição topicalizadora, com valor de distinção, conforme já enfatizamos.

A língua de sinais, em especial a Libras, se articula de uma forma particular, na primeira articulação, como pode ser visto no exemplo dado anteriormente. De

acordo com Martinet,

Se as línguas concordam todas em praticar a dupla articulação, todas diferem sobre a maneira como os utentes de cada uma delas analisam os dados da experiência e a maneira como fazem render as possibilidades facultadas pelos órgãos da fala. Por outras palavras, **cada língua articula à sua maneira** tanto os enunciados como os significantes (2014 [1975], p. 43).

Logo, a Libras se articula de maneira diferente, possuindo duas categorias de morfemas. Isso está coerente com a citação em tela e, conforme pensamos, justifica a importância de considerar a modalidade linguística no momento da análise. Quanto à segunda articulação, como já mencionamos antes, não são os parâmetros as mínimas partes da língua de sinais, conforme comumente se afirma.

Os parâmetros, segundo Benassi (2019), são três, a saber: 1) configuração de mão, 2) locação, e 3) movimentos, corroborada pela proposição de Stokoe, que estabeleceu os três parâmetros acima elencados, como constituintes das línguas de sinais. Apoiando-nos em Barros (2008, 2015), entendemos que expressões não manuais são movimentos, bem como direção (ou orientação) também é uma subcategoria de movimento. Se, por um lado, expressões não manuais são movimentos que se realizam sem as mãos, os movimentos direcionais são realizados exclusivamente pelos braços/mãos. Assim sendo, não constituem outros parâmetros.

Para finalizar esse assunto, vale ressaltar que o esquema anteriormente mostrado contempla as três áreas da linguística propostas por Saussure. O discurso e o enunciado estão para a sintaxe; o morfema, para a morfologia (morfofossintaxe); e o parema, para a paremologia, tendo em vista que estamos tratando da língua de sinais e não da língua oral, objeto dos estudos linguísticos saussurianos.

### 3. Descrição paremológica da Libras

Um dos grandes complicadores na área dos estudos linguísticos da língua de sinais, que fragiliza esses estudos, a nosso ver, é a utilização de fotos e glosas para informar dados sobre essa modalidade linguística. Consideramos que a glosa não contempla o todo linguístico da Libras, por ser a tradução de uma substância/forma

linguística espaço-visual noutra oral-auditiva e que a fotografia não é capaz de registrar o movimento do sinalema. Neste aspecto o linguista é obrigado a utilizar de algum tipo de grafia para expressar a ideia do movimento que o sinalema contém.

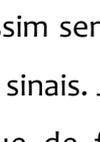
A escrita de língua de sinais, segundo Benassi (2019), é essencial para o linguista da língua de sinais, pois ela registra com mais fidedignidade os parâmetros que a constituem. Embora, entendamos que os sistemas de escrita, não são capazes de imobilizar todos os aspectos manifestados no fenômeno linguístico, no entanto, em nossa concepção, é o que melhor a representa.

Campello (2011, p. 19), ao elencar as competências e habilidades necessárias para o linguista estudar e pesquisar a Libras, afirma que o mesmo deve “traduzir e interpretar a Língua de Sinais Brasileira para escrita de sinais e vice-versa”. Isso nos leva a concluir que um linguista da língua de sinais, que não conhece ou que não utiliza a escrita de sinais para informar os dados sobre os quais se debruça não possui as capacidades/habilidades descritas pela autora e necessárias para tal estudo.

Atentando-nos para isso, o presente estudo paremológico da Libras tem como base a própria língua grafada pelo sistema de escrita de sinais VisoGrafia, que foi desenvolvido por Benassi entre os anos de 2016 e 2017, com base em dois outros sistemas. De um (*Sign Writing*) incorpora a visualidade; de outro (ELiS), a base paremológica, o que confere à VisoGrafia o menor número de caracteres (37 apenas) com possibilidade de grafia imagética, sendo considerada atualmente o sistema que grava a língua de sinais com maior visualidade (BUENO, 2020).

Assim, é necessário que perpassemos a teoria da dupla articulação de Martinet (1971). Para o autor, se não existisse a primeira articulação da linguagem no sistema linguístico, para cada tipo definido de experiência deveria existir uma emissão específica: uma nova e inesperada experiência seria por certo incomunicável. Assim sendo, a linguagem humana se articula em dois níveis, como afirmamos anteriormente: o primeiro nível, no qual a forma articulada mantém algum sentido, e o segundo, no qual as unidades não possuem sentido algum. Para o autor,

[...] Com efeito, um exame mesmo rápido da realidade linguística tal como a conhecemos mostra que a linguagem humana pode ser descrita como duplamente articulada em unidades significativas (os monemas) e em unidades distintivas (os fonemas). (MARTINET, 1971, p.21)

Assim sendo, o fato de ter status linguístico implica na dupla articulação da língua de sinais. Já percorremos anteriormente os caminhos da primeira articulação (ainda que de forma indireta) ao apresentar os exemplos pertinentes ao eixo sintagmático e paradigmático. Resta-nos, então, apresentar a segunda articulação da Libras e a sua descrição paremológica. Tomemos para exemplificação, o sinalema  (ENTENDER).

Para realizar a descrição do sinalema em questão, é necessário, primeiramente, decompô-lo numa tabela para que se obtenha as mínimas partes de cada parâmetro. Seria em tese o primeiro estágio para uma análise paremológica do sinalema em tela. Para tal, torna-se imprescindível a construção de uma tabela na qual se possa exibir a configuração de mão, a locação e o movimento, devidamente articulados em suas mínimas partes. Tal exibição deve se dar em escrita de sinais. Assim sendo, teríamos o que se mostra na tabela a seguir:

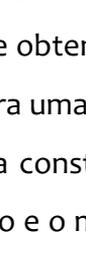
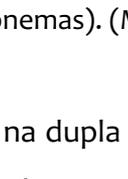
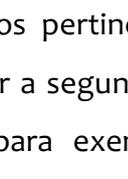
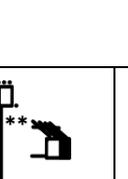
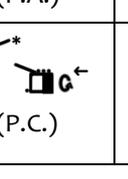
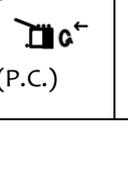
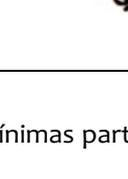
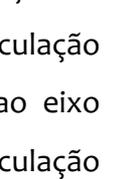
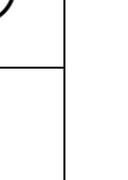
 (ENTENDER)					
 (C.M.)	 (C.D.)	-	 (LOC.)	 (P.A.)	 (P.C.)
	 (O.P.)	+		 (P.C.)	
 (MOV.)		(De braço)			

Tabela 06. Sinalema  (ENTENDER) articulado em suas mínimas partes. C.M. –

Configuração de mão; C.D – Configuração de dedo; O.P. – Orientação da palma; OC. – Locação; P.A. – Ponto de articulação; P.C. – Ponto de contato; MOV. – Movimento.

A tabela acima nos fornece os seguintes dados paremológicos da língua de sinais:

1. Relacionados à configuração de mão / $\_ / \dagger / \dagger / \dagger / \square$ /: sendo que  $\_$  é a configuração de dedo do polegar estendido,  $\dagger$  é a configuração de dedos dos demais dedos estendidos e juntos pelas laterais e  $\square$  é a orientação da palma para a medial;
2. Relacionados à locação / $\bigcirc / \dot{\imath}$ /:, sendo que  $\bigcirc$  (lateral de cabeça) é o ponto de articulação do sinalema, e  $\dot{\imath}$  (ponta do dedo) é o ponto de contato – o local específico da mão que toca o corpo;
3. Relacionado ao movimento / $\curvearrowright$  /:, sendo que  $\curvearrowright$  é o movimento de meio giro do antebraço.

Informados esses dados, cumpre agora realizar os dois próximos passos que sucedem o processo de articulação do sinalema. No segundo estágio da análise é realizada então a planificação dos dados paremológicos, da seguinte forma: / $\_ / \dagger / \square / \bigcirc / \dot{\imath} / \curvearrowright$ /. É importante frisar que, numa análise linguística, todos os passos aqui descritos são importantes.

No entanto, na descrição dos dados, especificar por meio de parâmetros não é necessário, sendo obrigatório apenas seguir os três passos da análise: articulação, planificação e descrição. O último passo corresponde à descrição paremológica do sinalema propriamente dito: deve ser realizada em colchetes, conter todos os dados obtidos sem as barras da etapa anterior, que separam cada parema. Assim sendo, no sinalema em tela temos a seguinte descrição: [ $\_ \dagger \square \bigcirc \dot{\imath} \curvearrowright$ ].

Realizada a análise e perpassado os seus três estágios, o registro paremológico do sinalema está devidamente realizado. Toda vez que, num estudo paremológico ou dialetológico da língua de sinais o sinalema for retomado, recomendamos que o mesmo não seja realizado por meio de foto ou registrado em escrita de sinais [ $\bigcirc \dot{\imath} \curvearrowright$ ], para tal, a descrição do mesmo deverá ser utilizada sempre

[-†□○↑↓].

Na Libras, os sinalemas podem ser classificados de várias formas, quanto a sua composição. Assim, vale ressaltar que a forma utilizada para a descrição dos sinalemas é a mesma, no entanto, de acordo com as características da composição desses, os mesmos podem exigir certas variações na metodologia, como, por exemplo, nos sinalemas bimanuais assimétricos, cuja descrição envolverá duas linhas, sendo a superior para a mão esquerda e a inferior para a direita. Numa textualização futura, voltaremos a esse assunto de forma mais detalhada.

Para encerrar, cumpre ressaltar a importância de tal análise e seu registro para os estudos linguísticos da Libras, bem como para a compreensão da dialetologia da mesma, sobretudo da comum “variação linguística”. Até o momento, poucos estudos linguísticos da Libras abordaram o tema utilizando-se do registro em escrita de língua de sinais. A absoluta e esmagadora maioria desses o fizeram registrando por meio de fotos e de glosas.

A primeira forma de registro, segundo Barros (2015), é uma forma consagrada de apresentar dados na língua de sinais. No entanto, esse recurso não registra o parâmetro movimento. É preciso lembrar que esse parâmetro, em uma análise dialetal ou variacional da língua de sinais, é importante, não podendo ser deixado de lado. A segunda, é, sem sombra de dúvida, a pior de todas: traduz uma forma linguística espaço-visual para uma forma gráfica que representa uma forma linguística oral-acústica.

Para exemplificar a variação paremológica da Libras, ou seja, a variação que se dá em um dos parâmetros que a constituem, tomamos como exemplo o sinalema  (MULHER), utilizado em Mato Grosso, que, na interação verbal, apresenta variações no nível paremológico, como se evidencia na tabela a seguir.

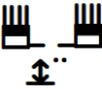
MULHER			
 (C.M.)	 (C.D.)	-	-
	 (OP)		
 (LOC.)	 (P.A.)		
	 (P.C.)	*-	*-
 (MOV.)			Direcional do braço
			Meio giro do antebraço

Tabela 07. Demonstrativo de variação paremológica do sinalema  (MULHER)

Segundo os dados, pode-se empreender as seguintes planificações para as duas ocorrências linguísticas: /- / ● /  /  / \* - /  /, para o primeiro uso e /- / ● /  /  / \* - /  /, para sua variação. No último estágio da análise, para esse sinalema, tem-se o seguinte: [- ●   \* -  ] e [- ●   \* -  ].

Como pode-se observar, há uma variação paremológica do movimento nas duas formas de utilizar este sinalema. Entendemos que esses detalhes são melhor registrados e percebidos por meio da utilização da escrita de sinais, fato que a fotografia e a glosa não permitem com clareza, nem oferecem maior fidedignidade.

Nesse sentido, é imprescindível ao linguista da língua de sinais saber a escrita de sinais e empregá-la nos seus estudos e pesquisas. Retomando aqui a citação já realizada neste trabalho, Campello (2011, p. 19) afirma que o linguista da língua de

sinais precisa saber “traduzir e interpretar a Língua de Sinais Brasileira para escrita de sinais e vice-versa”. Nessa perspectiva, acreditamos que os trabalhos nessa área precisam ser repensados, uma vez que a maioria deles desconhece o uso da escrita de sinais para comunicar seus achados linguísticos.

#### 4. Considerações finais

A teoria estruturalista, de fato, pode e deve ser aplicada na língua de sinais. Uma das justificativas para o afastamento desse paradigma do pensamento linguístico humano, está relacionada à linearidade fonética/fonológica, a qual Sausurre (2004, 2012) expõe quando trata do assunto “fonética”. No entanto, a linearidade saussuriana não está relacionada somente a esse aspecto: ele é apenas um.

Essa noção está também relacionada à de eixo sintagmático que, como foi exposto nesse trabalho, pode ser aplicada na Libras sem causar nenhum prejuízo à modalidade viso-espacial da língua. Outra noção mal expressa nessa área, como dá a entender as explicações de Campello (2011), sobre o tema, é a de dupla articulação, proposta por Martinet. Como mostramos, a língua de sinais se articula duplamente, como toda e qualquer linguagem humana, no entanto, articula-se a sua própria maneira, assim como o próprio Martinet, defende que as línguas se articulam cada uma de uma forma particular.

A dupla articulação da Libras, em nossos estudos, nos levou a desenvolver um pensamento próprio, bem como novas terminologias para a linguística da Libras. Ampliando esse pensamento aqui já exposto, surgiu a noção de descrição paremológica dos sinalemas da Libras que, a nosso ver, é um recurso para melhor analisar, descrever e registrar a Libras como uma língua falada no Brasil.

Esse recurso pode e deve ser explorado para o registro das variações linguísticas da Libras, podendo contribuir para que os estudos voltados a esta temática sejam fortalecidos teoricamente. Embora existam muitos estudos voltados para essa área, constatamos que os mesmos apresentam pouco rigor científico e registro descritivo sem a minúcia necessária.

Esperamos que esse estudo possa fomentar o pensamento linguístico crítico

ampliando o conhecimento sobre a língua de sinais no Brasil e que, também, ajude a fortalecer a Libras como uma língua autônoma que manifesta os mesmos pré-requisitos das demais línguas no âmbito linguístico. Para alcançar este objetivo, acreditamos que instrumentos e metodologias para o seu devido reconhecimento e valorização são indispensáveis.

## Referências

BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. Tese. Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

\_\_\_\_\_. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In.: BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. **Além dos sentidos**: glossário, termos e conceitos da música em Libras. Cuiabá: Ed. do autor, 2015.

BENASSI, C. A. **VisoGrafia**: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais. Tese. Doutorado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

BUENO, A. de S. **Aprendizagem de escrita de sinais**: aquisição da escrita e da leitura de língua de sinais por meio da VisoGrafia. Dissertação. Mestrado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2020.

CAMPELLO, A. R. e S. **Língua brasileira de sinais**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

FERREIRA, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

LOPES, E. **Fundamento da linguística contemporânea**. Prefácio de Eduardo Peñuela Cañizal. – 20. ed. – São Paulo: Cultrix, 2008.

MARTINET, A. [1968] **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

\_\_\_\_\_. [1975] **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

QUADROS, R. M de; KARNOP, L. B. **Língua brasileira de sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSURRE, F. de. [1970] **Curso de linguística geral**. Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

\_\_\_\_\_. [2002] **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo, 2004.



FLUXO  
CONTÍNUO

Revista  
Diálogos  
(RevDia)

# Paremiological Description of the Brazilian Sign Language: A Record of the Second Sign Language Articulation

---

## ABSTRACT:

Libras – The Brazilian Sign Language has been consolidated as an important area of studies, in many aspects. Several theories are applied to it. Nevertheless, the structuralist linguistic paradigm, to date, has not been fully and thoroughly understood and applied in sign language. This article aims to apply structuralist linguistic theory in sign language, analyzing and describing Libras signs in its second joint. To this end, based on Saussure and Martinet, some Libras signs will be presented, articulated in their smallest parts, and described having as graphical support the writing of VisoGraphy signs. It is expected, therefore, to expand and disseminate the structural linguistic knowledge of Libras. We also emphasize that this study is in its initial phase and further and deeper studies are still required through post-graduation research.

---

## KEYWORDS:

Structuralism.  
Second joint of Libras.  
VisoGraphy.